

O VAQUEIRO E A VAQUEJADA: DO TRABALHO NAS FAZENDAS DE GADO AO ESPORTE NAS CIDADES

Francisco Kennedy Leite Felix¹
Francisco Amaro Gomes de Alencar²

Resumo

Esse artigo aborda sobre as transformações na vida dos vaqueiros, dos sertões nordestino, que tinham como um dos divertimentos as festas de apartação no pátio das fazendas. Esses eventos são tidos como à gênese das vaquejadas moderna. Dessa forma, procuramos demonstrar as relações de trabalho existente nessa atividade, quando era praticada apenas nas fazendas, e hoje nos parques de vaquejada. Tal atividade que antes era tida como rural, hoje já faz parte do cotidiano das grandes cidades do nordeste e do Brasil. Diante de tal expansão, fazemos análise geográfica e histórica da vida desse personagem. O texto está dividido em três partes, a primeira as “pegadas de boi”, a segunda as “vaquejadas de morão” e a terceira a vaquejada moderna.

Palavras-chaves: Vaqueiro. Vaquejada. Pegadas de boi.

Introdução

Esse artigo tem como objetivo refletir sobre as transformações na vida dos vaqueiros, trabalhadores rurais, que tinham como principal divertimento, as festas de apartação que ocorriam nas fazendas de gado nos sertões nordestino. Festas estas que, hoje são programadas de maneira comercial com data, hora e locais marcados. Estes eventos são os chamados circuitos de vaquejada, que não ocorrem apenas nos pátios das

¹ Estudante do Curso de Geografia, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza – Ceará – Brasil. E-mail: kennedyfelix_ufc@yahoo.com.br

² Doutor em Sociologia, professor do Departamento de Geografia, dos Cursos de Pós-Graduação em Geografia e do Prodepa da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza – Ceará – Brasil. E-mail: famaro@ufc.br

fazendas como antigamente, mas em parques que são construídos para esse tipo de atividade.

Nesse trabalho procuramos fazer uma relação geográfica e histórica da vida desse personagem dos sertões. Estudo que analisa as transformações sociais na vida desses trabalhadores, que começou com as “**pegadas de boi**” ou com as festas de apartação nas fazendas, que foi aos poucos sendo modificado e a partir dos anos de 1980 passou a ser praticado como esporte. Portanto, saí de seu espaço original, os sertões nordestino, e toma o caminho das grandes cidades do Nordeste e do Brasil. Com essas novas feições, vaqueiro e vaquejada, são estilizados. Vaqueiro como profissão e vaquejada como atividade, são nos anos 2000 exercidos por outros como *hobby* ou por profissionais das vaquejadas dos finais de semanas. No passado era atividade de camponês que a exercia sem competir, carregada de lirismo. Agora é uma atividade em que os participantes são competidores.

As “pegadas de boi”

Nos sertões nordestino, onde a pecuária é uma das principais atividades econômica, segundo Doralice Sátyro Maia (2003), surgiu entre os séculos XVII e XVIII a vaquejada, a partir das festas de apartação. As antigas fazendas de gado não eram delimitas, com isso exigia do vaqueiro várias virtudes como agilidade, coragem para reunir e selecionar o gado em épocas de ferrar e comercialização. Como lembra Maia (2003), geralmente, acontecia no mês de junho, época do final das chuvas. Nessa época o proprietário da fazenda reunia dezenas de vaqueiros, para fazer a separação do gado. Temos nessa época a figura do vaqueiro como profissional, pois é dessa atividade que ele tira o sustento para sua família. Suas vestimentas (ver foto 01) eram separadas cuidadosamente segundo SOUZA (1975, p. 270 apud MAIA, 2003, p. 163):

[...] perneiras, gibões e chapéus de couro de mateiro; guarda-peitos de couro de gato-pintado (jaguarica); cavalos “pescoço-de-viola”, os mais afamados; aguilhadas bem encostadas, com palmo de ferro, de forma piramidal, embainhado; selas sem cabeçotes, macias e leves; resistentes estribos de pau, largos peitorais e cabeçadas protetoras do animal; compridos laços trançados a cinco fios, de couro de burro, e que são

enrodilhados, duas voltas maiores caindo sobre a anca do cavalo.

Tais vestimentas eram usadas como proteção contra as espécies espinhentas da caatinga, como a jurema (*Balizia pedicellaria*) e o arranha-gato (*Acacia plumosa* Lowe). Segundo Maia (2003, p. 164), “é assim que, colado ao seu cavalo, sai o vaqueiro em busca das reses soltas pela caatinga afora. Aquelas mais ariscas, que resistem ao seu chamado, aquele boi ou touro teimoso, esses são perseguidos e derrubados pela cauda”.

Ainda sobre essa “pega de boi” afirma AIRES (2008, p. 78),

o vaqueiro podia interceptar o boi em qualquer lugar, mas isto era feito no mato. Tal prática acontecia porque a atividade do vaqueiro era transportar o gado de uma região para outra, ou de conduzir o gado para se alimentar no pasto, ou, ainda, de correr atrás de gado para separá-lo e marcá-lo.



Foto 01: Vestimenta tradicional do vaqueiro.

Fonte: FELIX, 2010.

Comentando sobre a prática de pegar no mato o gado arisco, discorre AIRES (2008, p. 78),

essa prática de pegar boi no mato denominado de marueiro³ ou barbatão tornava os vaqueiros e os cavalos respeitados entre os seus participantes. Muitos vaqueiros recebiam a fama de heróico porque buscavam pegar boi desse tipo no mato. Sendo assim, os fazendeiros percebendo essa busca dos vaqueiros em realizar esse feito ofertavam o prêmio de correr três bois em frente da fazenda por cada barbatão pego. Isso se tornou tão recorrente que os vaqueiros exigiam pegar esse animal se fosse concedido correr boi em frente das fazendas.

Depois de reunido todo o gado e a vaqueirama iniciavam a festa de apartação. O gado era dividido entre o fazendeiro e o vaqueiro, como lembra BARROSO (2006), o trabalho do vaqueiro era pago em espécie, recebendo um quarto da produção de cinco em cinco anos, ou seja, a cada quatro bezerros que nasciam um era do vaqueiro, fazendo com que a possibilidade de ascensão social, se depositasse na “cabeça do vaqueiro”. Ainda segundo BOXER (2000, p. 251 apud TOLEDO, 2002, p. 02), o vaqueiro, “podendo nutrir a esperança de um dia iniciar o negócio por sua própria conta. Costumava fazer isso, alugando um trato de terra do proprietário para o qual trabalhava”. Com o aluguel dessa terra o vaqueiro também passava a ser um morador. Onde o morador possui as seguintes características, de acordo com ANDRADE (1986, apud CARVALHO & MOREIRA, 2000, p. 06):

residirem nas propriedades em casas de taipa, dispendo de áreas para cultivos de lavouras de subsistência, em cujo resultado não participava o proprietário, que exigia do empregado certo número de dias de serviços por semana, pagando preços inferiores aos serviços prestados pelos trabalhadores não

³ O termo marueiro ou barbatão refere-se ao fugia do rebanho de gado, sobre isso ver: AIRES, Francisco Janio Filgueira. **O espetáculo do cabra-macho**: um estudo sobre os vaqueiros nas vaquejadas do Rio Grande do Norte. 2008. p.79. Disponível em: <http://bdt.d.bczm.ufrn.br/tesdesimplificado/tde_arquivos/34/TDE-2009-02-19T060126Z-1705/Publico/FranciscoJFA.pdf> Acesso em: 12/10/2010.

residentes, como meio de compensar o pagamento do aluguel da casa e do sítio.

Portanto, qual a possibilidade de ascensão social do vaqueiro? Como isso seria possível, já que o mesmo era submisso ao fazendeiro? Pois esse deveria pagar por tudo. Pela terra que trabalhava, pela casa em que morava. Como ter essa ascensão já que o dinheiro que conseguia “juntar” com a criação dos seus animais que recebia nas apartações, com o que recebia na venda de seus produtos agrícolas, deveria pagar por tudo que necessitava para garantir a reprodução social da força de trabalho, da família.

Essa possibilidade de ascensão também é discutida por Martins (1981, p. 50), quando o autor relata:

Aí, o fazendeiro abria a sua posse, obtinha a sesmaria e entregava o gado ao vaqueiro com base no regime de quarteação. Cada ano, de quatro crias cabia uma ao trabalhador, que, em princípio, mas nem sempre, podia formar o seu próprio rebanho.

Temos nessa época à representação da riqueza, como lembra Martins (1981), que era representada pelo gado e não pela terra.

Corridas de Morão

As corridas de morão, como lembra Carvalho (2007), iniciou na década de 40 e começou a se popularizar quando os vaqueiros da Bahia e do Ceará tornaram públicas suas habilidades e de seus cavalos na lida com o rebanho. Essa atividade é descrita por AIRES, (2008, p.78), quando os vaqueiros,

se desafiavam num espaço de chão batido e duro. Estes corriam um de cada vez. Aquele que mais se destaca-se na “puxada do boi” ganhava o desafio. O vaqueiro podia correr atrás do boi em qualquer espaço do pátio da fazenda.

De acordo com o autor citado, esse período passou por alterações decorrentes da separação e apartação da vaquejada, provocadas por mudanças no manejo do gado e, conseqüentemente, pela feição social dos vaqueiros. Conforme BARBOSA (2006, apud AIRES 2008, p. 78),

essa separação da vaquejada da apartação teve como elemento crucial a inovação na pecuária, pela passagem da pecuária extensiva para a pecuária intensiva, ligada à presença de novas raças de gado bovino, nas primeiras décadas do século XX. A presença do gado Zebu (chamado de guzerá, gir e nelore), oriundo da Índia para Minas Gerais e, por conseguinte, para o Nordeste brasileiro, traria novos modos de lidar com o gado.

Percebemos então que o vaqueiro teve que se adaptar a “nova” atividade, pois o material de trabalho (o gado) foi substituído por uma nova raça, que não fazia parte do seu cotidiano e, portanto, não sabia como era o comportamento deste animal e só aprenderia na sua labuta diária, na convivência com mesmo. É através do conhecimento empírico que ele vai descobrindo a melhor maneira de lidar com essa raça. Como afirma BARBOSA (2006, apud AIRES 2008, p. 79),

a presença dessa nova raça trouxe duas implicações. A primeira foi o cuidado com o gado pelos vaqueiros em espaço fechado, mediante a introdução das cercas de arame farpado nas fazendas, que antes não existiam ou eram feitas de pedras e de paus. A outra foi o surgimento da pecuária intensiva, de novas relações de produção e de distribuição que estavam em ascensão.

Ainda conforme esse autor,

“As empresas frigoríficas e os laticínios nasceram nesse exato contexto e podem ser apontados como um dos símbolos dessa modernização que dava seus primeiros passos no sentido de transformar uma economia agrária e escravocrata em economia industrial, fundada no trabalho livre”. BARBOSA (2006, apud AIRES 2008, p. 79)

A partir desse momento tem-se a diminuição da presença dos vaqueiros nas fazendas, já que em vez de o gado ser criado solto, em campo aberto, como era feito antes, passa a ser cuidado em propriedades cercadas (ver foto 02), eliminando a necessidade de se utilizar um elevado número de vaqueiros para transportar e para pegar o gado que se dispersava no mato. Tem-se nessa época a presença de vários vaqueiros

desempregados, já que tudo o que sabiam fazer era cuidar do gado, e para arranjar outro emprego era bastante difícil. Observamos isso na música Vaqueiro Desprezado, de Amado Edilson,

Vou contar uma história, de um vaqueiro afamado; Trabalhou 60 anos, numa fazenda de gado; E depois de ficar velho, do patrão foi desprezado!

O patrão disse, " Vaqueiro não pode mais trabalhar, já está velho demais, escute o que eu vou falar, vá procurar outro canto pra você poder morar!"

O vaqueiro disse: - Patrão, eu lhe peço um favor. Não tenho casa e nem dinheiro e não sei para onde vou, já quê estou velho e cansado, deixa eu morar com o senhor?

O patrão disse: - Vaqueiro, estar com a carreira encerrada. Pegue sua rede e seu saco, aqui não lhe devo nada! Lugar de vaqueiro velho, é morrer no meio da estrada!

Pegou sua mala e foi, seguindo naquela estrada, deu uma boi na porteira, correu toda vacarada, urravam como diziam, " Fica, meu véi camarada!"

Os cavalos relinchavam, batendo o pé no mourão. A bezerrama chorava, como quem diz, " Não vai não!", e o vaqueiro, coitado, seguiu naquele estradão... (...)

O vaqueiro que era "dispensado" do trabalho nesse contexto, sempre era aquele mais idoso, pois não interessava ao fazendeiro ter um vaqueiro "velho" na sua fazenda, já que o mesmo não podia trabalhar com muita dedicação e disposição. Constatamos que a relação de trabalho do vaqueiro, pois agora o vaqueiro, não tinha direito a nada quando era despedido, já que quem dava as ordens era o fazendeiro.

A criação do gado em áreas cercadas e a sua apartação em lugares chamados currais, deram origem a cidade de Currais Novos-RN, atualmente possui um parque de vaquejada, onde se tem a competição das vaquejadas contemporâneas. Percebemos que as vaquejadas não apenas contribuíram para a cultura nordestina, mas também para a formação de cidades nessa região do Brasil.



Foto 02: Propriedade cercada para criação de boi (curral).

Fonte: FELIX, 2010.

Vaquejada moderna

Ao falarmos da vaquejada moderna, não podemos esquecer a sua origem, as vaquejadas de morão. Vaquejadas estas que segundo AIRES (2008), são a evolução das primeiras vaquejadas de morão, que se diferencia pelo fato de

ser executada pela derrubada do boi entre duas faixas, embora essa puxada pudesse ser de arrasto, ou seja, o vaqueiro começava a puxar o boi fora das faixas e o soltava no seu interior. Essa derrubada era realizada entre faixas que contém 6 metros de largura. Esse tipo de vaquejada trazia alguns elementos da pega de boi, como a puxada do boi pelo rabo em qualquer lugar, as vestes de couro e a presença do vaqueiro de fazenda nas vaquejadas. A pontuação desse tipo de competição é contabilizada de acordo com quem fizer isso mais próximo possível da entrada do boi na pista de corrida. Por outro lado, o boi podia correr para frente e para trás. O que era válido era que o vaqueiro “puxasse o animal” para o chão. (AIRES, 2008, p. 81-82).

Com o tempo a vaquejada continuou sofrendo mudanças, e foram essas mudanças que nos propiciou vê-la como uma festa. Nesse sentido, a sua reestruturação

se tornou um negócio, principalmente, a partir da década de 1990, pela sua popularização que é abordada por MAIA (2003), quando a autora diz que a vaquejada perde o seu caráter de festa de vaqueiro e vai se tornando cada vez mais um evento de exibição nas cidades. As mudanças ocorridas nesses eventos, para autora,

foram ganhando auto-falante para chamar os que estavam disputando, propaganda, anúncios, delimitações de percurso, regras, prêmios, cavalos de raça (...), um público citadino curioso; começaram a cobrar taxas de inscrição progressivamente mais caras. (MAIA, 2003, p. 169).

O fato de a vaquejada ser vista como uma atividade esportiva e o vaqueiro como um desportista. Essas denominações foram consolidadas em termos oficiais através da Lei Federal sancionada nº 10.220, de 11 de abril de 2001, que considera

atleta profissional o peão de rodeio [...] Entendem-se como provas de rodeios as montarias em bovinos e eqüinos, as vaquejadas e provas de laço, promovidas por entidades públicas ou privadas, além de outras atividades profissionais da modalidade organizadas pelos atletas e entidades dessa prática esportiva.

A oficialização da vaquejada como um esporte tornou o evento ainda mais profissional, provocando modificações nas regras da competição. Essas modificações podem ser vistas através dos locais onde ocorrem as disputas, antes eram nos pátios das fazendas, hoje são em grandes parques construídos exclusivamente para esse tipo de atividade. Percebemos então que as diferenças nas relações de trabalho entre o vaqueiro e seus patrões, se antes era o vaqueiro e o fazendeiro, hoje ocorre entre o vaqueiro e um grande empresário. Outra mudança está na forma dos pagamentos, que antes eram “um quarto da produção a cada cinco anos”, hoje o prêmio das vaquejadas são divididos entre o vaqueiro e seu patrão, prêmios estes como lembra MAIA (2003), que antes eram simbólicos, e que hoje são verdadeiras fortunas (ver foto 03).

As vaquejadas que antes ocorriam geralmente no mês junho, hoje possuem um calendário de todos os eventos. Tal calendário segundo MAIA (2003) é dividido em circuitos, ou seja, um conjunto de cinco a seis vaquejadas que acontecem em parques de

localizações próximas, geralmente, duas em uma mesma cidade e as demais nas cidades vizinhas.

Os parques de vaquejada são construídos segundo uma padronização oficial para a pista – onde se dá a corrida. As disputas da vaquejada contemporânea são sempre feitas por duplas – o “puxador” e o “esteira”. O puxador é aquele que derruba o boi e o esteira é aquele que tem a função de pegar cauda do boi e entregar para o puxador. As disputas são feitas da seguinte maneira: quando a porteira se abre o “esteira” pega a cauda do boi e entrega para o “puxador”, onde este dá um giro na cauda, puxa-a, derrubando o boi, que deverá cair na área demarcada pelas duas faixas, com as patas levantadas sem tocar em nenhuma das faixas. Caso isso aconteça diz-se “valeu boi” e os pontos são contados; caso contrário, a expressão é “zero”.



Foto 03: Cartaz de vaquejada, com o valor da premiação.
Fonte: <http://portalvaquejada.com.br/images/vaquejadas/cartaz-harasG.jpg>

Possui também a divisão entre as categorias: profissional e amador. Os profissionais são aqueles que são contratados pelos parques de vaquejada ou por algum proprietário de haras ou de fazenda de gado; os amadores são os que praticam “por esporte ou *hobby*”. Os vaqueiros profissionais como aponta MAIA (2003, p. 173) “trabalham diariamente tratando dos cavalos e treinando-os para as corridas [...] residem nas propriedades e recebem um salário mensal”.

Considerações Finais

Nesse artigo percebemos as transformações ocorridas na vida dos vaqueiros. Transformações que estão presentes tanto na sua vida profissional como pessoal. No início da vaquejada a vida profissional e pessoal sempre andavam juntas, não poderíamos vê-las de formas separadas.

Com o passar dos anos e com a evolução da vaquejada, podemos analisá-las separadamente, já que nas vaquejadas atuais, existem vaqueiros que correm apenas por esporte. Mas, existem os que têm tal prática como profissão. Muitos destes são filhos ou netos de vaqueiros que corriam nas antigas vaquejadas e que não ganhavam nenhum dinheiro por isso, corriam como uma forma de lazer, já que o seu trabalho era “pegar o gado no mato” e trazer para a fazenda.

Ao fazer uma análise das relações de trabalho na vida dos vaqueiros, constatamos mudanças, como por exemplo, quando se fala em salário. Porém, por outro lado a questão de submissão ainda continua.

A análise feita nos leva a firmar que as vaquejadas deixaram de ser uma atividade exclusivamente rural, pois sua presença é maciça nas grandes cidades através da construção dos parques de vaquejada.

Reconhecemos que esse é um estudo inicial, e que será preciso investigações com mais profundidade e detalhes sobre essa categoria social e suas modificações.

Referências Bibliográficas

- AIRES, Francisco Janio Filgueira. **O espetáculo do cabra-macho**: um estudo sobre os vaqueiros nas vaquejadas do Rio Grande do Norte. 2008. Disponível em: <http://bdtd.bczm.ufrn.br/tesed simplificado/tde_arquivos/34/TDE-2009-02-19T060126Z-1705/Publico/FranciscoJFA.pdf>. Acesso em: 12 de outubro de 2010.
- BARROSO, Maria das Graças Saraiva. **A escravidão e a crise do escravismo no antigo município de Picos – MA**. Disponível em: <<http://www.outrostempos.uema.br/curso/especializacaopdf/gracab.pdf>>. Acesso em: 12 de outubro de 2010.
- BRASIL. **Decreto n. 10.220, de 11 de abril de 2001**. Institui normas gerais relativas à atividade de peão de rodeio, equiparando-o a atleta profissional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/LEIS_2001/L10220.htm>. Acesso em: 02 de novembro de 2010.
- CARVALHO, Cynthia Xavier de; MOREIRA, Ivan Targino. **Desenvolvimento Tecnológico e Relações de Trabalho na Agricultura**: O Caso de São José do Belmonte-PE. Disponível em: <http://www.bnb.gov.br/content/aplicacao/ETENE/Anais/docs/ren2000_v31_ne_a12.pdf>. Acesso em: 02 de novembro de 2010.
- CARVALHO, Eliângela. **Vaquejada**: Esporte Nordeste. Disponível em: <<http://www.jornalsimaodiense.com.br/internal/culturaViewer.asp?idCult=4>>. Acesso em: 30 de outubro de 2010.
- EDILSON, Amado. **Vaqueiro Desprezado**. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/amado-edilson/1481663/>>. Acesso em: 30 de outubro de 2010.
- MAIA, Dorálise Sátiro. A vaquejada: de festa sertaneja a espetáculo nas cidades. In: ALMEIDA, Maria Geralda; RATTIS, Alecsandro J.P. (orgs.). **Geografia: Leituras Culturais**. Goiânia: Alternativa, 2003. p. 159-183.
- MARTINS, José de Sousa. **Os camponeses e a política no Brasil**. São Paulo: Vozes, p. 50-51.
- SILVA, Thomas de Carvalho. **A prática da Vaquejada à luz da Constituição Federal de 1988**. Jus Navigandi, Teresina, ano 12, n. 1598, 16 nov. 2007. Disponível em: <<http://jus.uol.com.br/revista/texto/10659>>. Acesso em: 01 nov. 2010.
- TOLEDO, Maria Fátima de Melo. **A possibilidade de ascensão social do vaqueiro no sertão do São Francisco**: uma análise historiográfica. Disponível em: <http://www.uesb.br/anpuhba/artigos/anpuh_I/maria_fatima_melo.pdf>. Acesso em: 12 de outubro de 2010.

VAQUEJADA, Portal. **Cartaz haras G.** Disponível em: <
<http://portalvaquejada.com.br/images/vaquejadas/cartaz-harasG.jpg>>. Acesso
em: 02 de novembro de 2010.